

REVISTA DE TURISMO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL,
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE e LITERATURA

ANO IV

LISBOA, JUNHO DE 1920

N.º 95 E 96

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

AGAMENTO ADEANTADO

ANO... 1440
SEMESTRE... 370

ESTRANGEIRO
ANO..... 3400

NUMERO AVULSO 6 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoria) — TEL. 2337-G. — LISBOA

REGIONALISMO E TURISMO

DOS CONGRESSOS EM PROJECTO

DEVEM SAHIR OS «NUCLEOS REGIONAES».

A idéa da realisação dos Congressos Regionaes vae creando vulto ao ponto de, em cada provincia, se pensar, com enthusiasmo, na effectivação do que lhe diz respeito.

Contagiu-se, felizmente, a vehemencia d'essa idéa pela persistente propaganda que tem sido feito n'esse sentido; e isso é motivo para nos congratularmos, porque estamos na esperanca de que, d'essas magnas assembléas fique mais alguma coisa do que a comemoração simples d'um facto bem intencionado, mas mal aproveitado nos seus resultados, como, geralmente, succede em quasi tudo quanto se pratica n'este Paiz e a que presida a idéa d'uma comunidade d'interesses.

Todavia, para que as nossas esperanças tenham realidade; para que os fructos d'esse movimento, tão patrioticamente iniciado e não menos acolhido, produzam os salutareos efeitos que naturalmente se impõem de factos de tal grandeza, é necessario, é — mesmo — inadiavel que, a par da nacionalisação dos espiritos, da indole e do sentimento — a que visam esses congressos — (tarefa que merece o nosso mais caloroso aplauso e o mais franco concurso) se procure induzir, n'essa grande massa de gente que constituirá a assistencia a esses benemeritos congressos, a idéa da exploração das riquezas geraes de cada região pela unica forma natural, pratica e proveitosa.

Ela é, simplesmente, o **Turismo**.

Nenhuma outra occasião se pode deparar mais propicia para suggestionar as populações á pratica d'essa idéa. Nenhum ensejo será melhor aproveitado

para dar a conhecer a essas magnas assembléas o que é o Turismo, para lhes mostrar quaes as maneiras de o explorar, quaes as suas vantagens immediatas, os seus resultados praticos, os beneficios directos que podem reverter, para cada região, do aproveitamento da mais interessante e proveitosa industria — que é o **Turismo**.

Por isso já indicámos n'estas columnas a necessidade imprescindivel de se incluir, nos programas dos diversos congressos regionaes que em breve se devem realizar, um numero especial consagrado á propaganda d'essa maravilhosa industria.

Referimo-nos, então, d'uma forma geral. Hoje, entendemos que é forçoso especialisar essa propaganda, difundindo o conhecimento dos meios a utilizar e dos fins a que visa, assim como das bases em que ela deve assentar para ser benefica; insinuando a concretisação de esforços para que a industria do Turismo se torne viavel e proveitosa em cada região; indo, mesmo, á suggestão clara e irrefragavel da formação dos nucleos regionaes para orientarem a propaganda e dirigirem a exploração d'essa industria, de harmonia com as condições de cada provincia.

De facto não poderá haver melhor oportunidade para se lançar a semente do que n'essas assembléas onde terão representação as individualidades mais categorisadas de cada provincia.

Não chegamos ao ponto de espararmos que n'esses congressos, se constituam logo os nucleos regionaes, o que não deixaria de sêr natural, mas es-

tes podem mais naturalmente nascer das commissões que se formem em cada assembléa para o estudo e apreciação das theses que, sobre a industria do Turismo — assumpto de capital importancia — venham a ser apresentadas por quem de direito. E os congressistas que se abalancem a tão espinhosa tarefa, só não conseguirão aquelle intuito se não quizerem ou não souberem fazel'o, por... não perceberem do assumpto.

□□□□

Como já o dissemos por mais d'uma vez, esse grande entendimento, que é a realisação dos Congressos regionaes, não pode ficar completo se não se lhe juntar a propaganda do Turismo. Não basta a propaganda do sentimento e da razão. Dizemos isto tanto mais convencidos quanto é certo que, se d'eles — como simples idéa da nacionalisação do pensamento — podem resultar beneficios muito apreciaveis — e isso é incontestavel, esse resultado é, porém, limitado á regionalisação da vida propria — o que é insufficiente para o equilibrio da situação economica de cada provincia e para o progresso geral da Nação.

Torna-se, pois, necessario ir mais longe; á industrialisação das belezas e riquezas de cada provincia; ao comunismo dos interesses geraes que se defendem por uma boa e larga exploração da industria das viagens; ás facilidades — indispensaveis para esse fim — na convivencia interna e á expansão das relações internacionaes; aos estabelecimento dos foros de cidade a todos os locaes que se apresentem com as condições de se bastarem a si proprios.

E' forçoso, para o bem geral, não limitar a regionalisação ao alimento material. Ha que ir mais além — ao desenvolvimento da intelligencia e ao recreio do espirito, á boa socialisação

da vida interna e isso não se pode conseguir n'um relativo ambito de ação, mas, sim, com um natural e preciso livre-cambismo.

D'esta sorte os problemas a que se teem de atender para a realização dos Congressos regionaes devem ser criteriosamente estudados por quem tenha a competencia indispensavel, a fim de que as respectivas theses possam constituir os compendios a seguir no resurgimento patrio, a que principalmente visam esses congressos, e não sejam apenas um somatorio de idéas simplesmente esboçadas sobre bases sem consistencia.

E no que respeita ao **Turismo**, será bom que d'isso se encarregue quem, pelo seu estudo e pelos seus conhecimentos praticos, mostre possuir os requisitos indispensaveis á incumbencia de tão delicada missão, para que, por acaso, não venha a surtir... invertida a exposição que se tentar produzir.

JOSÉ LISBOA

RIBEIRO CHRISTINO

A *Revista de Turismo* acaba de receber, com a mais subida satisfação, uma inestimavel prova de sympathia e de valioso apoio á sua incessante obra. A nosso convite, que lhe mereceu uma especial deferencia, o distincto professor Ribeiro Christino presta-se a, obsequiosamente, colaborar na nossa Revista, dando, sempre que a ocasião se lhe proporcione, descrições completas das suas viagens, das suas apreciações como chronista d'arte — que c é com a maior auctoridade — e das suas investigações como archeologo de muito merecimento.

Este nosso illustre amigo não precisa que mais larga menção façamos das suas qualidades de jornalista e de verdadeiro cultor da Arte. A sua missão como proficiente professor da Escola Marquez de Pombal, as brilhantes chronicas publicadas no *Diario de Noticias*, assim como toda a sua já muito apreciavel obra, quer como pintor, quer como architecto, teem-n'o imposto ao justo logar de destaque que ocupa hoje nos meios intellectual e artistico.

E', pois, com legitimo orgulho que registamos esta prova de sympathia do illustre professor e que, aos nossos leitores, damos esta novidade, que constituirá, por certo, mais um valioso atractivo para a *Revista de Turismo*.

No proximo numero, Ribeiro Christino iniciará a sua colaboração com a noticia descriptiva d'uma visita aos monumentos de Thomar.

REVISTA DE TURISMO

O SEU 4.º ANIVERSARIO

INICIO DA 2.ª SERIE — MODIFICADA E MELHORADA

COM o presente numero termina o quarto ano de existencia da *Revista de Turismo*.

Seria fastidioso rememorar a vida d'esta publicação durante esse periodo; este foi de tal forma acidentado, indeciso e trabalhoso que as suas condições estão patentes na memoria de todos para se poder avaliar quão extenuantes teem sido os esforços postos á prova para manter uma Revista da indole da nossa, atravez todas as agruras, todos os embates emergentes da situação atravessada e todos os sacrificios a que nos tem obrigado o cumprimento da idéa patriótica a que nos abalançamos sem outro fim do que o de sermos util á nossa Patria e por ela trabalharmos na medida das nossas forças.

O lisongeiro acolhimento que sempre lhe tem sido manifestado e as constantes provas de sympathia e de aplauso que, dia a dia, nos chegam de todas as partes, impõem-nos a obrigação de correspondermos d'alguuma forma a essas especiaes deferencias, que, se muito nos desvanecem e aviventam a nossa energia para proseguirmos n'esta patriótica cruzada, não menos nos tornam devedores d'um sensivel saldo de gratidão que desejamos solver.

Assim, dando por terminada, com o presente numero, a primeira série d'esta publicação, iniciamos a segunda série com o proximo numero que, correspondendo ao inicio do 5.º ano, será publicado no dia 15 de julho.

Esse primeiro exemplar da 2.ª serie, será o futuro modelo da nossa Revista, que assim é modificada na sua textura, se bem que continue mantendo a mesma orientação.

D'esta sorte, a 2.ª série da *Revista de Turismo* apresentar-se-ha em formato diferente e com novo aspecto, sendo beneficiadas as suas secções tanto quanto nos seja possivel a tornal-as ainda mais atrahentes.

Como estas modificações representam um elevadissimo encargo, muito principalmente no presente momento, em que o preço do papel sobe desproporcionadamente sem qualquer justificação, deliberámos alterar tambem os seus prazos de publicação. Durante esta nova série, que se estenderá até que a situação se normalise, a **Revista de Turismo** publicar-se-ha, apenas, mensalmente, em formato de *magazine*, com um minimo de dezeseis paginas de texto, inserindo gravuras dos sitios mais pitorescos de Portugal, de monumentos e estabelecimentos modelares, descrições de viagens e de assumptos artisticos e sobre as joias e belezas de Portugal, noticias diversas, tanto do paiz como do estrangeiro, que interessem ao fim especial da sua indole, além de artigos sobre o desenvolvimento do turismo em o nosso Paiz e sobre tudo quanto se relacione com essa industria.

Como justa compensação dos melhoramentos que vamos introduzir na **Revista de Turismo**, o preço da assignatura, é elevado a Esc. 1\$50 por semestre ou Esc. 3\$00, por ano custando o numero avulso 30 centavos.

Atendendo a que este augmento de preço é suficientemente compensado com as melhorias que introduzimos na nossa Revista, que é a unica que no genero se publica em Portugal e cuja divulgação pelo estrangeiro se accentua quasi diariamente, esperamos que os nossos amigos, assignantes e todos aqueles que se interessam pelo progresso da industria que defendemos á custa de todos os sacrificios, nos continuem a dispensar o acolhimento manifestado á **Revista de Turismo** desde o seu primeiro numero.

Isso nos dará alento para levarmos a nossa missão por deante, na certeza de que, da nossa parte, não haverá o mais ligeiro enfraquecimento dentro dos limites das nossas possiveis forças.

GUERRA MAIO

SUA VISITA A PORTUGAL

Após quasi ano e meio de ausencia, obrigada pelo desempenho das elevadas funções que exerce em Paris como proficiente Director do *Bureau de Renseignements* sobre Portugal que é mantido n'aquella capital pela Sociedade Propaganda, esteve ha pouco em Lisboa o nosso muito querido amigo e illustre Redactor em Chefe d'esta Revista, sr. Guerra Maio.



GUERRA MAIO

A sua entrada na nossa Redacção, onde tantas e fundas amizades conta, constituiu um motivo de verdadeiro jubilo e de justa e franca alegria; manifestações de que Guerra Maio foi tambem alvo por parte dos numerosos amigos que aqui conserva e que mantem a perduravel lembrança da sua sempre agradável e encantadora convivencia.

Guerra Maio apresentou-se-nos feito, com belo aspecto. A sua boa tempera, facilmente acimatavel ás situações e ás sociedades, tornou-o um parisiense, mais ainda, um grande homem do mundo, no qual a alma luzitana, de verdadeiro portuguez, não cedeu, comtudo, o mais pequeno passo aos encantos do seu fino espirito, agora aprimorado no convívio do cosmopolitismo mundial.

Guerra Maio tinha necessidade de descançar e de aviventar-se com os

aromas enibriantes da sua querida Patria. Precisava de vir a Portugal para matar saudades d'estes lindos aspectos que ele tão inspiradamente descreveu em as paginas da nossa Revista. Sentiu a exigencia dos carinhos dos seus amigos e de retemperar-se aqui para continuar na missão do espinhoso cargo que lhe foi justamente confiado. E, assim, veiu a Portugal; foi visitar o seu meigo torrão natal, n'esse recanto encantador da Bêira Alta, cerca do Douro; e, depois, eil-o a caminho de Lisboa, dos seus amigos, de visita á sua *Revista de Turismo*, que ele creou com o entusiasmo com que sempre inicia a pratica das suas belas idéias.

O nosso Redactor em Chefe demorou-se quinze dias em Lisboa, tendo sido alvo das mais inequivocas provas de estima, de admiração e de respeito.

Nas ante-vesperas da sua partida foi-lhe oferecido pelo nosso muito

querido Director, um lauto jantar, a que tambem assistiram os nossos Secretario e Redactor Chefe da Propaganda.

Pena foi que o nosso bom amigo e estimado colaborador Antonio Boto não pudesse, por motivos imperiosos, assistir a essa festa.

Foi uma festa intima mas encantadora pelo fim da consagração e pela comunhão de alegria que reinou durante esse banquete, depois do qual as saudações se trocaram com a entusiastica sinceridade de mutua dedicação.

Guerra Maio partiu para Paris no dia 12, tendo tido na gare uma despedida muito affectuosa por parte dos seus numerosos admiradores, que desejaram aproveitar esse ensejo para mais uma vez lhe tributarem toda a sua grande sympathia.

Por noticias já recebidas, sabemos que aquele nosso illustre colega e bom amigo chegou já sem novidade á Capital da França onde encontrou um novo e bem merecido acolhimento, que muito o terá lisongead.

De novo enviamos a Guerra Maio o abraço da nossa mais fervorosa amizade.

AS ESTRADAS EM PORTUGAL

O SEU ACTUAL ESTADO DE CONSERVAÇÃO

E' um nunca acabar de reclamações que os jornaes inserem quasi que diariamente, sobre o pessimo estado de conservação em que se encontram as estradas do nosso Paiz, com pequenas excepções.

Pugnando sempre pela defeza de tudo quanto se relaciona com o desenvolvimento da industria de turismo em Portugal, não podemos deixar de registar os protestos que chegam ao nosso conhecimento e de pôl-os ante os olhos de quem tem obrigação de zelar por estas coisas.

Assim passamos a transcrever do *Circulo das Caldas* o protesto inserto n'aquela semanario acerca do estado das estradas no districto de Leiria.

«E' raro o dia em que não chegam á nossa redacção queixas do pessimo estado em que se encontram as estradas do Paiz, especialmente d'aquelas que pertencem ao districto de Leiria.

«A estrada de Torres Vedras a esta vila está quasi intransitavel, sendo difficil a passagem junto do logar de A-da-Gorda, do concelho de Obidos, onde os automoveis só com grande custo transpõem os enormes barrancos que a estrada tem n'aquello sitio, deixando muitos de fazer já por ali a sua marcha.

«Sabemos que chamar para tal estado de coisas as atenções das instancias competen-

tes é bradar no deserto. Em todo o caso não queremos deixar de fazer eco dos protestos d'aqueles que mais prejudicados são com o estado lastimoso em que se encontram as referidas estradas.»

No *Jornal d'Abrantes* encontrámos tambem, est'outro protesto:

«Será pregar no deserto, mas lá vai outra vez! E' uma vergonha, uma verdadeira lastima o estado em que se encontram as estradas do concelho, completamente descarnadas, a pedra á mostra, quasi com degraus, a ponto que o gado estafa-se, leva-se o dobro do tempo a ir a qualquer parte e cada dia que passa mais e mais se vae agravando o mal que d'aqui a pouco não terá cura. Não seria possivel mandar para as estradas, para as arranjar, esses milhares de funcionarios que se diz não terem carteiras para trabalhar? Ao menos alguma coisa util poderiam fazer e não era de todo perdido o dinheiro que ganham.

A' benemerita Sociedade Propaganda, que tanto se tem occupado d'este assumpto de capital interesse para o desenvolvimento do turismo, compete interceder junto de S. Ex.^a o Ministro do Commercio para que, sem demora, sejam tomadas as mais energicas providencias a fim de se atender com zelo e com os cuidados necessarios á boa conservação das nossas estradas.

ARTE E LITERATURA

CANTIGA

POR EUGENIO DE CASTRO

*Embora, senhora andeis
De finas têlas vestida,
Por meus olhos sois despida.*

*De clara holandã vestis
Vosso corpo, linda Infanta,
Belo rocal de rubis
Vela-me a vossa garganta;
Trazéis manto de veludo,
Garbosa saia comprida,
Mas, apesar d'isso tudo,
Por meus olhos sois despida.*

*Atravez das ricas vestes,
Que vos vestem, linda Infanta,
Adivinho os dons celestes
Do vosso corpo de Santa;
Vossas vestes de setim,
De brocado ou lã garrida,
De vidro são para mim:
Por meus olhos sois despida.*

*Vejo-vos só mãos e cara
Mas não preciso vêr mais
Para calcular a rara
Graça do que me ocultães...
Para quê rendas e fôlhos,
Senhora da minha vida,
Se por estes tristes olhos,
Por meus olhos sois despida?*



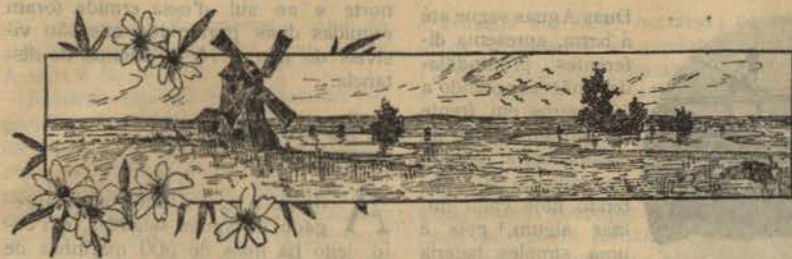
DISPERSOS

POR ANTONIO BOTTO

*Triste canção a das ondas,
Triste canção a do mar!
— Quantas maguas e torturas
Se disfarçam a cantar!*

*Estão os sinos a dobrar
— Quem seria que morreu?
Talvez o meu coração
Que tem saudades do teu!*





EXCURSÕES DE TURISMO

NA REGIÃO DO VOUGA

AVEIRO

Antiga vila e hoje cidade de Aveiro encontra-se situada a 40.°38' latitude N. e 0.°28' longitude O., a 7 kilometros da foz do Vouga, na margem da grande e pitoresca ria que se estende desde Ovar até Mira, quasi a igual distancia dos rios Douro e Mondego, a 45 kilometros do Porto e a 245 de Lisboa. É banhada por diversos braços em que se ramifica o rio Vouga. O chamado canal do Espinheiro segue a direcção de N. O. para S. O. e liga-se, no sitio denominado Duas Aguas, com o canal chamado da Cidade, o qual se estende para O. ao longo do local que tem o nome de Quadro da Alfandega. A parte da cidade que fica entre esses dois canaes é atravessada por um esteiro, que os comunica entre si e se chama Esteiro dos Frades. Em frente da cidade acha-se a ilha de Monte Farinha, banhada de um lado pelo canal do Espinheiro e do outro pelo canal de S. Jacintho. As duas partes da cidade cortadas pelo esteiro dos Frades chamam-se ilha do Poço e ilha de Sama; e ao sul do Quadro da Alfandega ha uma pequena lagôa designada pelo nome de lago do Paraíso.

Notas historicas

Foi cidade importantissima e muito comercial no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Talabrica*, do nome primitivo *Talabriga*, pois diz a tradição haver sido fundada por Brigo, chefe turdulo, em 205, antes da era christã. Em 362, antes da mesma rea, os celtas e os turdetanos invadiram e ampliaram *Talabrica*, fundando *Eminio* (hoje Agua-da) *Lameca*, (hoje Lamego) e *Contimbriga* (hoje Coimbra). No reinado de Marco Au-

relio, em 152, os mauritanos invadiram *Talabrica*, por mar, saquearam-na e incendiaram-na, reedificando-se mais tarde com o auxilio dos romanos.

Não se sabe ao certo quando *Talabrica* deixou este nome para tomar o de Aveiro, só se sabendo e comprovando que já assim era designada



AVEIRO—Monumento a José Estevam

no tempo do conde D. Henrique. O nome actual tem sido objecto de não poucas controversias, querendo uns que Aveiro seja corrupção do latim *Aviarium*, pelas muitas aves ali existentes, passando a chamar-se *Averium*; pretendendo outros que a actual denominação lhe fosse dada pelos normandos ou gascões, chamando-lhe

Aviron (rêmo) sendo tambem considerada verosimil a opinião de que pela sua semelhança topographica com a *Aveyron* francesa, tal nome lhe fosse imposto pelos normandos.

Na sua *Linguagem Portuguesa*, Fernão d'Oliveira dá como certo que o nome actual vem de, antigamente, ali residir um caçador de aves, por esse motivo designado *aveiro*, ao que não falta quem não ache sequer visos de verosimilhança. No *Lexicon Geographico* da-lhe Brundant o nome de Lavare antigo, sendo o moderno uma corrupção d'aquelle.

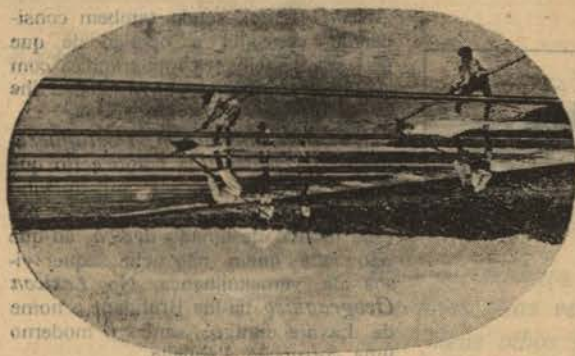
Em 1760 da nossa era, foi elevada por D. José á cathogoria de cidade, sendo-lhe mudado o nome para *Nova Bragança*, por ser odiado na côrte o nome que tinha, visto o duque de Aveiro haver sido um dos auctores do atentado contra a vida d'aquelle monarcha. Por morte de D. José, a rainha D. Maria I determinou que a cidade voltasse a chamar-se Aveiro.

Os monarchas antigos concederam a Aveiro muitos e grandes privilegios. D. Diniz dispoz que os seus habitantes fossem isentos de um determinado tributo, e que não pudessem ser presos por culpas leves. D. Duarte mandou que durante a feira chamada de Março, (ainda hoje ali muito importante) se não pudesse prender nenhum criminoso, que lá apparecesse a comprar ou a vender, salvo se n'essa feira praticasse algum novo crime; bem como que na mesma feira qualquer pessoa não pudesse ser citada por dividas anteriores. D. Pedro, quando regente, determinou que nenhum fidalgo ou pessoa poderosa residisse na povoação por mais de quatro dias sem que expressamente o auctorisassem os moradores. Além d'estes privilegios, que ficam inumerados por nos parecerem assaz curiosos, muitos outros possuem os aveirenses, os quaes se tornaria fastidioso descrever.

Com as continuas guerras dos culos VIII, IX, X e XI tornou-se Aveiro inhabitavel, não só por servir frequentemente de campo de batalha, como pelas porfiadas invasões dos agarenos, ás quaes estava sujeita pelo mar. Abandonada pelos habitantes, cahiu em ruinas, ficando quasi sem moradores até ao seculo XV, que foi quando o regente D. Pedro a fez reconstruir e cercar de muralhas, mandando-a povoar de novo para o lado do Sul.

A barra d'Aveiro

Em tempos remotos a barra ficava perto do logar da Vagueira; depois aproximou-se de Mira, e por



AVEIRO—Salinas

muito tempo variou de logar na costa, entre esta povoação e Aveiro. No pavoroso inverno de 1575 entulhou-se a barra, de tal modo, que nem a um simples hiato dava livre passagem. Os campos tornaram-se então alagadiços e estereis; a produção das marinhas diminuiu consideravelmente e quasi cessou a pescaria. A cidade tornou-se insalubre por causa da estagnação das aguas, e por isso a abandonou a maior parte da sua população. Até essa epocha os campos de Aveiro produziam 30.000 moios de trigo, e as suas marinhas 16.000 moios de sal.

Fizeram-se obras importantes, a primeira das quaes ficou concluida em 1808, e já em 13 de Março de 1809 a barra deu entrada aos quarantares navios de vela, que transportaram as munições para o exercito inglez. Em 1838 abriu o mar uma nova barra ao S. da chamada Barra Nova. Mudou-se depois o leito do Vouga com o fim de reduzir o trajecto das aguas, encaminhando-o pelo canal do Espinheiro para mais facilmente se dirigir á barra, e fizeram-se varias obras para o encanamento dos rios Agueda e Certima. Em 1863 obstruiu-se a barra da Vagueira, do que resultou grande vantagem para as condições do canal, deixando de haver, entre Aveiro e Mira, comunicação com o mar. Onde fôra outrora a barra chamada da Vagueira, ha hoje uma praia de banhos.

Desde então tem-se realisado constantemente, embora com mais ou menos incremento, obras importantes na barra de Aveiro, de modo a melhoral-a tanto quanto possível.

A barra acha-se em comunicação com a cidade por meio de uma bella estrada, de 7 kilometros de extensão, que segue pelas terras da Gafanha, atravessando o canal de Ihavo n'uma ponte, tambem da Gafanha chamada. E' um dos mais interessantes passeios para o turista avido de sensações agradaveis e de horisontes pitorescos.

O canal que do sitio chamado das

Duas Aguas segue até á barra, apresenta diferentes profundidades, não excedendo a 10 metros em frente do antigo forte da mesma barra, situado na praia do S., não tendo hoje valor militar algum, pois é uma simples bateria de peças antigas, que apenas servem para salvar e para dar signal aos navios quando ha perigo em demandar a entrada do

porto.

Ao N. da barra, na chamada costa



AVEIRO—Ermita de Nossa Senhora das Areias

de S. Jacintho, praia de banhos afamada em toda a região, fica a ermida de Nossa Senhora das Areias. Ao

norte e ao sul d'essa ermida foram erguidas duas pyramides, que são visiveis do mar a 16 kilometros de distancia.

A ria e o caes

A ria de Aveiro é um grande agredado de aguas salgadas, em cujo leito ha mais de 500 marinhas de sal e grande numero de pequenas ilhas, de um aspecto sobremodo pitoresco. N'essas aguas navegam constantemente mais de 3.000 barcos caracteristicos, e o valor dos seus productos é calculado em cerca de escudos 400.000 anuaes, ou sejam 400 contos da antiga moeda. O braço d'essa ria, que corta a cidade em dois bairros distinctos, é ladeado de um belo caes de pedra de cantaria, e atravessado por duas pontes, que ligam em diversos logares aquellas duas partes da cidade. Uma d'essas pontes fica mesmo em frente da Praça do Comercio, onde está o antigo pelourinho de Aveiro. N'esta ria ou esteiro entram e sahem diariamente dezenas e dezenas de barcos, carregando e descarregando diversas mercadorias para o comercio e consumo da cidade.

Da ria partem mais dois braços, um que segue para Ihavo, Vagos e outras localidades da zona aveirense, e outro que comunica com o canal chamado de S. Roque, ao longo do qual segue uma formosa estrada de rodagem.

A ria de Aveiro é acessivel ás marés em quasi toda a sua extensão. Os seus quatro braços principaes são: a ria de Ovar, que corre paralela ás costas da duna de S. Jacintho, Torreira e Furadouro, até Ovar; a ria de Mira ao S. d'aquella, correndo tambem paralela á costa e comunicando a lagôa de Mira com o mar; a ria de Vagos, á qual já aludimos, paralela a esta ultima e prolongando-se a E. do areal da Gafanha até a povoação que lhe



AVEIRO

dá o nome; e finalmente o canal da cidade propriamente dito, que banha Aveiro a O. S. e E.

Sustenta esta ria trez industrias importantissimas: a do fabrico do sal, a da apanha do *molico*, e a da pesca, cujo rendimento anual aproximado já referimos anteriormente. Na sua maior parte, o fundo da ria é constituído por plantas aquaticas, cujo crescimento e propagação são admiraveis. A apanha d'essas plantas a que se chama *molico*, e que ocupa grande numero de pessoas, faz-se nos mezes de Junho a Dezembro, calculando-se em mais de 100.000 as cargas d'esse producto, que são vendidas aos lavradores para adubo das terras, dando um rendimento importantissimo.

A parte inundada, que fórma a ria,

é avaliada em 8.000 hectares; os terrenos cultivados e productivos em 12.800; os areas e dunas em 26.000; e os terrenos alternadamente cobertos e descobertos, onde estão estabelecidas as marinhas, em 3.000.

A ria de Aveiro, deslisando pelo meio da cidade, deu motivo a que a interessante povoação fosse cognominada de Veneza luzitana, cognome de que muito se ufanam os seus naturaes.

Um passeio pela ria, em qualquer dos barcos especiaes a isso destinados, que embora nada tenham de semelhante com as gondolas venezianas, são muito interessantes, é de veras recomendavel, e de molde a deixar ao turista as mais gratas recordações.

Aveiro é servida pela linha do Norte, tendo estação propria.

SERVIÇOS FERROVIARIOS

Comboios directos, diarios entre Lisboa e Porto

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, tendo sempre em vista atender quanto possivel ás necessidades do publico, resolveu tornar diarios, a partir de 23 do corrente, os comboios directos entre Lisboa e Porto (e as suas ligações para a Figueira e para Coimbra), que até agora circulavam apenas trez vezes por semana.

E' evidente o beneficio que esta medida representa para o publico, na quadra do ano que vamos atravessando, em que o movimento de passageiros, entre o norte e o sul do paiz, mais se intensifica.

E' evidente tambem a boa vontade com que, não obstante a recente e extraordinaria subida do preço do carvão e a extrema dificuldade em o obter, mesmo por elevado preço, a Companhia procura, atravez de todos os sacrificios de despezas e de trabalhos, melhorar quanto pode os seus serviços, no intuito unico de bem servir o publico.

Este serviço é mantido sem limite salvo o caso de, por circumstancias imprevistas, o fornecimento do combustivel se reduzir, o que obrigaria aquella Companhia a restringir novamente ou mesmo a suspender a circulação de taes comboios.

Como complemento d'esta melhoria de serviço de comboios, a Companhia dos Caminhos de Ferro pensa tambem em prolongar até Alfarelos e Figueira, a partir de uma data pro-

xima, que brevemente se anunciará, os comboios n.ºs 202 e 207, que actualmente circulam entre Lisboa e Caldas.

A marcha d'estes comboios, assim prolongada, está sendo estudada por fórma a darem ligação em Alfarelos com os comboios correios que circulam pela linha do norte entre Lisboa e Porto.

Vêmos d'esta maneira realisada a indicação preconizada em um dos nossos anteriores numeros, com o que muito nos regozijamos, visto que assim não só as duas mais importantes cidades do Paiz ficam facilmente ligadas, mas, especialmente, as praias e thermas portuguezas podem contar com um comodo meio d'acesso, o que na presente quadra representa um importante beneficio.

As comunicações com o Sul

Ficando assim melhoradas as comunicações com o Norte do Paiz, indispensavel é tambem que o Sul não seja relegado para uma condição secundaria. Além do movimento comercial e industrial que, pela sua grande intensificação, exige uma maior facilidade de transportes entre a Capital e os seus diferentes e ricos centros de produção, ha que atender, tambem, ás exigencias e comodidades dos que desejem aproveitar esta quadra do ano para, em digressão, conhecerem as belas e ricas provincias alemtejana e algarvia e, ainda, ás necessidades dos que sejam obrigados a tratamento pelas valiosas aguas do Alemtejo, d'entre as quaes se destacam as de Moura, como nas Caldas de Monchi-

que, estancia que se impõe até, simplesmente, para curas de repouso.

E' preciso, tambem, ter em conta o movimento dos alemtejanos sobre as praias algarvias.

Torna-se, pois, urgente, a realisacão d'esse melhoramento nos caminhos de ferro do Sul e Sueste e, certamente, a respectiva direcção não deixará de estudar a fórma da realisacão imediata d'um serviço que, se muito vem beneficiar o publico, não menor beneficios materiaes ha de trazer para essa rêde.

Um comboio rapido diario para o Algarve, é um serviço que se impõe como da mais absoluta necessidade; por isso esperamos, dentro em breve, poder anunciar-o ao publico.

As comunicações com as Beiras

Por motivo da circulações diaria dos rapidos entre Lisboa e Porto, a Companhia da Beira Alta vae estabelecer, tambem, a circulação diaria do seu comboio n.º 3, a fim de dar immediato seguimento para as estações da Beira, até á Guarda, aos passageiros que de Lisboa para ali seguirem por aqueles rapidos.

E' este um melhoramento de capital importancia para as duas Beiras; e a não sobrevir qualquer imperioso obstaculo como seja a escassez do combustivel, sabemos que aquella Companhia pensa em tomar, tambem, rapido o mesmo comboio n.º 3, assegurando por ele as ligações internacionaes, com a importantissima economia de onze horas no trajecto de Lisboa a Paris, que é muito apreciavel.

Se esse empreendimento fôr realisado, certamente que a Companhia da Beira Alta encontrará a compensação no grande numero de passageiros internacionaes que procurarão a via Pampilhosa — Vilar Formoso — Salamanca — Medina, não só pela mais curta duração do trajecto como por ser o mais economico.

E' muito para animar o proseguimento d'essa idêa, que merece os maiores louvores e cujos resultados praticos se afirmarão por maneira incontestavel.

Todo aquele que se interessar pela manutenção da «REVISTA DE TURISMO», deve dar-lhe o seu concurso, angariando-lhe assinantes e fazendo-lhe comunicações que interessem ao seu fim especial.



CARTAS DE LONGE

CHRONICAS D'UM TURISTA SENTIMENTAL

Caldas de Monchique—Junho 1920

E' meu ardente desejo que vos chegue ainda ás mãos uma carta minha perfumada d'este iodado aroma da serra algarvia, onde a esguia figura que caracteriza o meu esqueletico ser não chega — sequer — a fazer concorrência ao mais infantil «eucalyptus», por mais que me queira identificar com a sua vida selvagem.

Estou aqui, muito longe, a dezoito horas de distancia d'essa bachanal infre-me que é Lisboa, procurando agora no suave viver da montanha, o socego para o meu atribulado espirito, o repouso para a minha alma excitada e o descanço para esta minha vista, tão cansada de vêr tanto...

— Mas estou aqui, porque... aqui tinha de vir. Precisava de fugir, de emigrar, de variar de ambiente. Tinha necessidade de dar uma lavagem aos meus pulmões para lhes expurgar os miasmas pestilentos que n'elles se albergavam.

Era-me indispensavel um salutar banho que eficazmente lavasse o meu atrophiado espirito. Sentia a carencia de encostar aos meus viciosos olhos uns aspectos de mais sã phantasia, de mais pura realidade.

Eis porque aqui estou.

— Mas só por isso? — perguntarão.

— Não.

Impuz-me tambem á condição do meu destino, seguindo-o como a boliboleta obedece ao seu. E, como ella, eu vim atingir o limite maximo do diametro do circulo em que estonteantemente esvoaço depois de ter ajeitado em volta do ponto que me atrahê, para — quem sabe? — vir, talvez um dia, a ser envolvido no calôr asphyxiante da luz que «insensivelmente» me ha de perder.

Aqui teem porque tanto me afastei agora.

— Perguntam se aqui me demoro? Não posso responder.

A minha vida d'agora é, para mim mesmo, um enyigma. Não me atrevo

a interrogar-me, porque não me responderia a qualquer pergunta que formulasse. Vivo ao sabor do Destino. Marcho como um automato.

E' sempre o que acontece quando não podemos satisfazer o nosso desejo. Por isso abdiqueei de mim mesmo, da minha vontade, das minhas ideias. Estou escravo da força maior da razão das coisas. Sou um perfeito vagabundo. E tanto mais assim me sinto quanto faço uma perfeita vida de caminheiro errante, fugindo do convívio animal, procurando a solidão dos bosques, o contacto com a natureza morta.

Pedem-me que vos dê noticias da animação que aqui haja; eu dir-vos-hei que aqui deve gozar-se uma vida invejavel de prazeres, para quem possa saboreal-os continuamente.

Vou fazer-vos uma palida descrição da que eu sigo.

De manhãzinha, acordo ao dolente cantico do fado triste, entoado pela «Fonte das lagrimas», chorando a perda do sobreiro, seu companheiro, n'esta maguada quadra:

Adeus, ó sobreiro querido,
estendido
Como um morto no caixão.
Adeus, que me vou embora,
já me chora
O meu triste coração.

que as montanhas lugubrememente repercutem.

Depois, para espiaecer as tristuras, vou presenciar um delicioso «flirt» entre o Rei dos Astros e uma mimosa oliveirinha, que enthusiasmada se debruça á beira do alvo regato que lhe refresca as raizes. Entretenho-me em seguida, na contemplação da architectura da natureza, por entre o bosque selvagem, investigando interessadamente os mil e um segredos de que me chegam, em echos longinquoos, expressões indecisas, enygmaticas.

A' tardinha, alongo a vista pelos plainos imensos, e vou até junto d'um «chorão», que aqui vive isolado e

triste, ouvir o seu concerto de lagrimas, na ancia de traduzir, pela teterologia das suas musicas expressões, os desgostos intimos da sua vida de eremita.

— E quando o deixo entregue simplesmente á sua propria existencia, ouço-lhe os ais dolorosos, os suspiros fundos em que se lhe desabafam as saudades, os gemidos tristes em que, por vezes, se lhe convertem as incessantes lagrimas.

Pobre chorão!

Pela calada da noite, quando refeito da «vida agitada» do dia, vou admirar o grande baile celestial, onde as estrelas, como madonas celebres, fazem fulgurar todo o seu intenso brilho, e a Lua, do seu quarto crescente, espreita sobrepticamente, como que receiosa de que a sua presença possa assombrar ou perturbar a alegria em que os infantis astros se deleitam.

Recolho, então, ao isolamento completo do meu ser e da minha vida, para gozar os meus sonhos, que são deliciosos de prazer.

No dia seguinte obedeço ao mesmo programa, e assim sucessivamente.

Aqui têm a descrição da vida que estou gozando.

Como os outros se distrahem, não sei; mas sou obrigado a supôr que muito se devem divertir, porque cada um escolhe os prazeres que mais lhe agradam.

Tambem não sei se está aqui muita ou pouca gente; raramente no meu caminho encontro algum vivo. Por isso só vos posso mandar recordações do

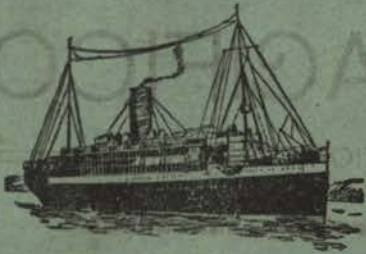
MARIO DE MONTALVÃO

Propaganda Regionalista

A pedido da Sociedade Propaganda de Portugal sob cujo patrocínio se estão realizando os trabalhos preparatorios para a organização do Congresso Regional Transmontano, e em cujas salas se teem reunido a Comissão Executiva do referido Congresso, bem como a Direcção do Club Transmontano; a Empresa do Cinema Condes mui gentilmente cedeu o seu salão para que aqueles dois importantes agrupamentos que trabalham pelo engrandecimento da bela provincia do norte, ali realizem uma festa em que serão passados films regionaes, e a proposito realizada por um illustre transmontano uma palestra sobre os motivos apresentados. O respectivo programa está sendo elaborado pela Comissão Executiva do Congresso Regional Transmontano, a que oportunamente será dada publicidade.

Composto e impresso no «Centro Typografico Colonial»
Largo da Abegoria, 27 — Lisboa

Companhia Nacional de Navegação



Serviço regular entre a metrópole e colónias africanas

FROTA DA COMPANHIA

TONELADA	TONELADA	TONELADA
Mocambique... 5.771	Luabo..... 1.800	VA PORES DE CARGA:
Africa..... 6.515	Manica..... 1.116	Dondo..... 5.000
Beira..... 4.977	Chinde..... 1.000	Estremadura... 3.791
Mossamedes 4.916	Ambriz..... 912	HEBOCADORES DO TEJO:
Portugal... 3.999	lbo..... 900	Tejo
Zaire..... 3.227	Bolama..... 883	Cabinda
Loanda..... 3.153	Mindello... 800	Congo
Peninsular 2.774		

Sahidas regulares para a Africa Ocidental e Oriental, Guiné, Cabo Verde, e com trasbordo para todos os portos das duas costas

Todos os vapores desta Companhia tem frigorificos, telegraphia sem fios, electricidade, e todos os modernos requisitos da navegação

Escreptorios:

R. do Comercio, 85 - LISBOA R. da Nova Alfandega, 76 - PORTO

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada **BANCO** CAPITAL ESC. 4.500.000\$

Lisboa & Açores

SÉDE EM LISBOA

AGENCIA NO PORTO

Rua Aurea, 88 * Rua Elias Garcia, 38 a 48

NEGOCIOS BANCARIOS NOS SEUS VARIADOS RAMOS

ALUGUER DE COFRES

ARRECAÇÃO DE VALORES, VOLUMES, ETC.
POR PREÇOS MODICOS

ASSOCIAÇÃO DA INHABILIDADE DO PESSOAL DA MARIKHA MERCANTE PORTUGUEZA (Socorros Mutuos) CAIXA ECONOMICA MARITIMA 97, R. dos Fanqueiros, 101 - LISBOA EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES OURO, PRATA, PEDRAS PRECIOSAS E PAPEIS DE CREDITO A JURO MODICO DEPOSITOS A ORDEM E A PRAZO

4.ª EDIÇÃO MANUAL DO VIAJANTE EM PORTUGAL

por L. DE MENDONÇA E COSTA DIZ TUDO - SABE TUDO

Preço 1\$20

A' venda nas livrarias, principais estações de caminhos de ferro e na sua redacção: Rua da Horta Seca, 13, 1.ª - LISBOA

Aguas de S. Vicente

NA ESTRADA DE CETTE A ENTRE-OS-RIOS

Eficacia e conhecida ha mais de 15 séculos, como atestam as ruinas do balneario romano, actualmente a descoberto, nas doenças do aparelho respiratorio, taes como

Bronchites chronicas, simples ou seguida da gripe, bronchite asmatthica, etc.

São as mais sulfureas das aguas portuguezas analysadas, as mais alcalinas d'entre as de sulfuração elevada e pertencem sob o ponto de vista microbiologico ao grupo das aguas purissimas, como mostra a analyse feita pelo sábio chimico e bacteriologista *Charles Lapierre*.

O ESTABELECIMENTO HYDROTERRAPIICO, com as novas e amplas instalações e com os mais aperfeiçoados aparelhos para applicações de douches, pulverisações, etc., e o magnifico

Grande Hotel de S. Vicente

Abertos, de JUNHO a meados de OUTUBRO.

PHARMACIA E MEDICO PERMANENTE.

Pedido de aposentos: Grande Hotel de S. Vicente-ENTRE-OS-RIOS

Depositos e informações

PORTO

LISBOA

PHARMACIA CENTRAL

DROGARIA PENINSULAR

R. Santo Antonio, 207

Rua Augusta, 39 a 45

COMPANHIA DE SEGUROS

A NACIONAL

SÉDE NA SUA PROPRIEDADE

Avenida da Liberdade, 14 - LISBOA

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

Fundada em 17 de Abril de 1905

Capital 500.000\$

Reservas 766.257\$



Seguros sobre a Vida Humana

E CONTRA

ACIDENTES NO TRABALHO, INCENDIOS E RISCOS DE TRANSPORTES

COMPANHIA DA MALA REAL DO PACIFICO

==== (THE PACIFIC STEAM NAVIGATION COMPANY) ====



CARREIRAS REGULARES

DE

GRANDES PAQUETES RAPIDOS

DE LEIXÕES E LISBOA PARA

BRAZIL — ARGENTINA
PORTOS DO PACIFICO

PORTOS DE ESCALA

LAS PALMAS, S. VICENTE, PERNAMBUCO,

BAHIA, RIO DE JANEIRO, SANTOS,

RIO DA PRATA, PORTOS DA PACIFICO.

Agentes em LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, L.^{da}

64, Caes do Sodré

Agentes no PORTO

Kendall, Pinto Basto & C.^a, L.^{da}

73, R. Infante D. Henrique